

A VESTE DE COROAÇÃO DE D. PEDRO II – ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE SUA HISTÓRIA E SEU ESTILO

D. Pedro II's Vest – Some observations about its History and about its Style

Freesz, Clara Rocha; graduada; UJFJ; clara.r.freesz@gmail.com¹

Comunicação Oral

Resumo

Este artigo possui como objetivo, fazer algumas observações sobre o estado atual da veste de coroação de D. Pedro II e sobre suas possíveis influências estilísticas, tanto através da história da moda, quanto através da comparação da veste com trajes majestáticos de Napoleão Bonaparte e Francisco I da Áustria.

Palavras-chave: Veste; D. Pedro II; histórico; estilo.

Abstract

This article has as objective to make some observations about the current state of wearing coronation of Dom Pedro II and its possible stylistic influences, both through the history of fashion as by comparing with royal wearing costumes of Napoleon and Francis I of Austria.

Introdução

Este artigo busca apresentar resultados preliminares de pesquisas realizadas durante o mestrado em História, ainda em andamento, do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. A pesquisa de mestrado possui como objetos, três roupas de D. Pedro II, presentes no acervo do Museu Mariano Procópio, na cidade de Juiz de Fora, MG. O fardão da maioridade (1840), a veste da coroação (1841) e o fardão do casamento do monarca (1843), são testemunhos históricos, da primeira fase da vida política de D. Pedro II que com apenas catorze anos foi declarado chefe de Estado e posteriormente aos quinze anos fora coroado imperador, encerrando o período regencial e inaugurando um longo governo.

¹Mestranda em História, Cultura e Poder da UFJF. Pós-graduanda do curso de especialização Moda, Cultura de Moda e Arte. Possui graduação em Design de Moda pela Universidade Estácio de Sá (2011) e bacharelado em Turismo pela UFJF (2012)

Os estudos da cultura material, que possuem as vestimentas como objeto, ainda apresentam-se em pequenos números no Brasil, se comparados a estudos da História da Arte, por exemplo. O desenvolvimento dos cursos em designer de moda no país nos últimos anos também reflete na crescente produção acadêmica, ainda que indiciária, pois “nos inventamos sobre a ideia de um povo sem tecidos”, como menciona Teresa Cristina Toledo de Paula (2006, p. 13). Esta ideia se reflete na própria conservação e valorização dos têxteis históricos do país e a pesquisa neste processo é fundamental para a sobrevivência deste patrimônio.

A cultura material, como abordagem analítica, apresenta-se como excelente perspectiva nesta natureza de pesquisa, pois a partir da materialidade do objeto, parte toda a investigação. Através de uma observação inicial atenta à roupa, as primeiras informações são recolhidas, para em um processo posterior haver o cruzamento de informações com uma documentação diversificada que pode contemplar desde um material iconográfico, até uma vasta documentação textual. O presente artigo, possui como principal objetivo, apresentar resultados preliminares deste modo de pesquisa, e como objeto principal, foi selecionada a veste da coroação de D. Pedro II.

A veste como acervo do Museu Mariano Procópio

A área de conservação e de restauração têxtil, segundo Taylor (2002), é uma área que exige habilidades específicas, arduamente adquiridas, tanto práticas quanto teóricas. O estudo e a observação minuciosa dos trajes históricos, alvo muitas vezes de críticas vindas de outras áreas, como por exemplo, da história econômica e social; são extremamente necessários à identificação correta do objeto, em relação ao seu período histórico, tecidos, bordados, modos de confecção entre outros. A restauração destes materiais, é algo detalhado e demorado, além de custoso, se comparado a outros tipos de restauração. Os tingimentos pelos quais os têxteis eram submetidos, são pigmentos naturais extremamente sensíveis à luz, por isso o controle de iluminação sobre o indumento deve ser rigorosamente controlado. Outro fator que deve ser observado, é o armazenamento destas peças, caso sejam

acondiçoadas em suportes errados, os tecidos e as costuras podem se romper, assim como pode ocorrer a deformação da roupa. (Taylor, 2002, p. 21)

A forma adequada de se armazenar os indumentos, são em cabides acolchoados bem projetados, ou em gavetas ventiladas com ar purificado, aconselha-se também o armazenamento em baixas temperaturas, para que fungos e insetos possam ser eliminados. No entanto, muitas vezes essas condições consideradas ideais para a conservação das roupas, é algo caro e muitos museus ao redor do mundo, por possuírem grandes acervos e orçamentos enxutos, não dispõem de tais recursos. (Ibidem)

Após observações empíricas no Museu Mariano Procópio (MMP)², pôde-se constatar que a veste da coroação de D. Pedro II, está adequadamente armazenada atualmente, em caixa branca de polionda especialmente confeccionada para a peça. Há o controle de umidade no local através de medição.

A veste da coroação, considerada uma das peças mais ilustres do MMP, foi exposta durante décadas ao público. Desde a aquisição dos trajes do imperador, em 1926, quando Alfredo Ferreira Lage, fundador do MMP as adquiriu do mercador de relíquias do Rio de Janeiro, G. de Miguel & Cia³, pela quantia de dez contos de réis, Lage se preocupou com a exposição adequada das roupas do imperador, tendo encomendado “artísticos armários, rigoroso estilo Império, com decorações de bronze dourado”⁴.

Apesar das peças terem sido consideradas como relíquias históricas de valor inestimável, segundo jornais de 1926 e apesar do apreço de Lage por elas, as práticas curatoriais brasileiras relacionadas aos têxteis pouco desenvolvidas, se refletiram nas condições de conservação da veste do imperador. Vejamos o caso do Museu Paulista (MP), para traçar um cenário de como isto de dava no Brasil. Hermann Von Ihering, que foi diretor do MP

² **Agradeço toda a equipe do Museu Mariano Procópio, pois mesmo o museu estando fechado ao público para reformas, me recebeu de forma tão solícita, permitindo desta forma, o desenvolvimento de minha pesquisa.**

³ Ver mais em ALDÉ, Lorenzo. Patrimônio inegociável. In _____ Revista de História.com.br. 13/09/2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/patrimonio-inegociavel>>. Acesso em: 10/07/2013.

⁴ A odysseia dos fardões. Dos guarda-roupas imperiais às arcas do belchior! E do bazar ao Museu de Juiz de Fora. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 16 jun. 1926. REZENDE, Rogério. Alfredo Ferreira Lage, suas coleções e a constituição do acervo do Museu Mariano Procópio, 2008.

durante um longo período, já reclamava em seus relatórios de 1901 a 1904, as más condições de conservação do acervo, devido à umidade, bolor e iluminação.

[...] A primeira vista ressaltava o descaso com que desde longos annos viviam as collecções destinadas ao publico [...] Admirei-me contudo de que se não houvesse tomado providencias contra o desbotamento provocado pela ação directa da luz sobre o material [...] ordenei que os vidros dos armários fossem pintados de preto e que se adaptassem cortina às estantes vedando a luz (VON IHERING, 1917 apud PAULA, 2006, p. 275).

Segundo Paula (2006, p. 276), apesar do trânsito entre América e Europa dos pesquisadores e diretores dos museus brasileiros, as práticas de catalogação e conservação, não foram assimiladas ao país, mesmo que na Inglaterra, já em 1857, se discutissem os possíveis efeitos prejudiciais da poluição e da iluminação a gás sobre as pinturas do South Kensington Museum e da National Gallery, na Inglaterra.

Exposta em vitrine-mesa durante aproximadamente 70 anos, a veste restaurada em 1996, sofreu com o clima tropical (úmido) e com o ataque de insetos e os malefícios do ambiente ácido, criado pelo preenchimento de jornais e outros papéis para que a roupa se avolumasse. Segundo Cláudia Regina Nunes⁵, a veste, os laços dos punhos e a faixa da cintura, estavam enfestadas por fungos e foram danificados por insetos. O veludo de seda estava muito ressecado, com perdas em alguns locais e com falta de pelo, e a forração interna de seda estava extremamente danificada⁶.

Esta peça, ao lado de outras do Museu Mariano Procópio, possui valor simbólico e patrimonial expressivo, o que também interfere no que tange aos investimentos empregados em sua conservação/restauração. Por este motivo, felizmente, em 1996, após oito meses de trabalho, com uma equipe de quatro restauradoras, a veste e os sapatos que a acompanham, foram restaurados, garantindo sua sobrevivência material. Para isso, Cláudia Regina Nunes, se apoiou na técnica do adesivo Beva 371 em spray, o qual permitiu que os fragmentos de tecido originais, fossem colados em uma base de veludo novo, tingido no tom original da veste, na cor creme. Esta técnica é particularmente

⁵NUNES, Claudia. "A Restauração do Traje da Coroação do Imperador D. Pedro II: Uma Intervenção com Adesivo Beva 371", 1998, disponível em: <http://www.abracor.com.br/novosite/congresso/Anais%20do%20IX%20Congresso.pdf>

⁶ Lembrando que todas as fibras dos tecidos são 100 % naturais.

interessante, pois ao olhar rapidamente a roupa, seu aspecto original é mantido (tecido integral), no entanto, após um olhar mais cuidadoso, podemos perceber os fragmentos de tecidos originais e a intervenção do restauro.

Após o restauro, a veste ficou acondicionada em reserva técnica durante pouco mais de um ano, aguardando a construção de uma vitrine com novas especificações. Após este período retornou à exposição, novamente na sala D. Pedro II, onde ficou exposta cuidadosamente em um manequim, pendurado pelo teto, através de um cabo de aço. Segundo o site do MMP, havia uma ambientação para a veste que ficava ao lado da cauda do traje de corte da princesa Isabel, também pertencente ao acervo do museu.

Análise estilística da veste de coroação de D. Pedro II

A veste através da história da moda

Os jornais do período da sagração e coroação de D. Pedro II, em julho de 1841, descreveram seu traje majestático, como “veste de cavaleiro”. (RODRIGUES, 1950, p. 6) Conforme a imagem abaixo demonstra, a veste possui uma abertura frontal, bordados nas extremidades, laços nos punhos, gola e gravata de renda. O traje completo possuía um “chapéu de cavaleiro” adornado com plumas, meias brancas de seda e sapatos de cetim de seda, também bordados em ouro. A veste foi confeccionada em veludo de seda, bordada com fios de ouro e prata dourada.

O estilo do traje teria sido inspirado nos trajes de cavaleiros românticos do renascimento, segundo J. W. Rodrigues (1950)³, porém ao pesquisar em James Laver (2008), percebeu-se que o modelo se aproxima à voga do século XVII. Para Laver, este período foi marcado pela “reforma” nas roupas masculinas realizadas por Carlos II da Inglaterra. O rei adotou uma maneira oriental de se vestir, registrado por jornais de 1666 como “roupa à moda persa”. Carlos II estaria tentando se libertar da hegemônica moda francesa de Luís XIV, introduzindo a túnica ou veste, porém autores franceses alegam que nesse período um traje muito similar também fora adotado na França. (LAVÉ, 2008, p. 113-117)

Figura 1) Veste de coroação de D. Pedro II após restauração. Fonte: Catálogo Banco Safra, 2006.



Rodrigues (1950) faz referência aos reis medievais da França, como inspiração para a veste. Em François Boucher (2010, p. 166 e 170), pode-se observar algumas roupas do período que possuem certa semelhança com a veste. No entanto, é no final do século XVII, que se observa uma maior influência. As ordens cavaleirescas deste período, como a Ordem de São Luís, fundada em 1693, por Luís XIV, baseadas em antigas ordens medievais dos cruzados, como a Ordem de Malta, possuíam como vestimenta, um traje muito semelhante ao traje de D. Pedro II. (LEVENTON, 2009, p. 164-165) Portanto, esta definição do período pode ser considerada adequada ao estilo da roupa, lembrando que historicamente foi construída uma noção de “cavaleiro romântico”, descrito por Norbert Elias como “a sociogênese do romantismo aristocrático no processo de curialização”⁷. O Romantismo como grande linguagem do século XIX no Brasil, teve na veste cavaleiresca de D. Pedro II, seu reflexo.

⁷ Ver mais em ELIAS, Norbert. A sociedade de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Trad. Pedro Sussekind.

Figura 2) À esquerda, Carlos II(1670). Ao centro, Cavaleiro da Estrela (1680). À direita, traje oficial do diretório, desenhado por David (179-). Fontes: LAYER (2008, p. 113); LEVENTON (2009, p. 165). BOUCHER (2010, p. 319).



Há um traje criado pelo pintor francês Louis David, no final do século XVIII, que também se assemelha com a veste de D. Pedro II. O traje imaginado pelo pintor, inspirado em períodos anteriores, era composto por túnica, cinto largo e manto esvoaçante e apresentava-se como uma nova proposta do artista. No entanto, o estilo foi adotado somente por seus alunos e como traje oficial do diretório, que de fato foi utilizado por membros do governo e que depois desapareceu. (BOUCHER, 2010, p. 318-319)

As influências de Francisco I da Áustria e de Napoleão Bonaparte

É notória a influência do traje majestático de Francisco I da Áustria (1768-1835), avô materno de D. Pedro II, na veste utilizada pelo monarca. Na cor, na abertura frontal, no padrão dos bordados vê-se esta ligação como a extensão, o legado, da casa da Áustria, na tradicional casa real portuguesa que permaneceu como soberana no Brasil (recém-independente).

No quadro pintado por Friedrich Von Amerling, em 1831, é possível uma observação da veste, ainda que limitada pelo manto, preciosa para esta análise. Da mesma forma que a veste da coroação de D. Pedro II é bordada

com folhas e frutos de carvalho, tanto o manto, quanto o traje majestático de Francisco I, também o são. As diferenças estariam presentes na gola, sendo a de D. Pedro II uma espécie de “gola smoking” e a de seu avô inteiriça e menor, voltada para cima. Outra diferença está na cor da faixa, uma em branco e vermelho, cores da casa da Áustria (Francisco I) e a outra em amarelo claro (D. Pedro II).⁸

Figura 3) À esquerda manto, à direita quadro de Francisco I mencionado a cima. A seta no manto indica bordado em carvalho, e da direita o manto pintado. Observa-se na veste, o mesmo bordado de carvalhos. Fonte: <http://www.khm.at/>



Segundo Ramirez (1968), a relação entre D. Pedro II e seus parentes austríacos era muito próxima, apesar da distância geográfica. Como exemplo disso, Ferdinando II (tio de Pedro II), sucessor de Francisco I, foi escolhido por ele como seu padrinho de crisma. Ao saber do interesse de D. Pedro II pelo vinho *Tokay*, seu tio Ferdinando lhe remeteu uma caixa das bebidas, junto com outros presentes. Nos preparativos da cerimônia de coroação de D. Pedro II, o jovem monarca procurou informar-se acerca do cerimonial da corte de Viena, pediu inclusive retratos de todos os seus parentes e uma lista das ordens austríacas e de seus respectivos uniformes. (RAMIREZ, 1968, p.75)

Por este motivo, acredita-se que talvez, possa ter sido o próprio D. Pedro II, quem escolheu o modelo com o qual iria se coroar imperador, optando

⁸ Segundo Lília Schwarcz, a veste que D. Pedro II utilizou, teria pertencido à Francisco I da Áustria, no entanto até o momento não pude encontrar informações sobre este dado. Ver mais em SCHWARCZ, Lília. *As Barbas do Imperador*. 2 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

pelo traje majestático de seu avô, como influência principal, mostrando-se um legítimo Habsburgo.

As semelhanças entre os trajes majestáticos de D. Pedro II e de Napoleão Bonaparte, também estão na cor e principalmente na utilização do carvalho como símbolo para os bordados. A túnica longa da coroação de Napoleão Bonaparte, também possui bordados de oliveiras e folhas de louro, além do carvalho. (LAVEISSIÈRE, 2004, p. 41).

Através de uma análise atenta do quadro de Louis David, *Le sacre de Napoléon*, observa-se que o sapato utilizado por ele, possui um bordado muito similar ao bordado do sapato de D. Pedro II, ambos ornamentados (o sapato de Francisco I é liso, ornado apenas por uma fivela). Interessante notar que apesar da maior influência de Francisco I no traje, o sapato de D. Pedro II foi confeccionado com um “estilo napoleônico”.

Figura 4) À esquerda, detalhe do sapato de Francisco I. Ao centro, sapato de D. Pedro II. À direita, detalhe do quadro de David, com o sapato de Napoleão.



O carvalho como símbolo brasileiro

Segundo o dicionário de símbolos Chevalier e Gheerbrant (2009), o carvalho, em todos os tempos históricos teria sido uma árvore sagrada para diversos povos. Atrai o raio e simboliza a majestade, é sinônimo de força física e moral, mas o que deve ser destacado é seu papel axial, comunicando Céu e Terra, “foi ao pé de um carvalho que Abraão recebeu as revelações de Jeová”.

(CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 195) Pensando na coroação realizada em Igreja católica tanto de Napoleão, como de D. Pedro II, este uso faz sentido, pois atribui poderes divinos aos imperadores.

J. W. Rodrigues (1950), diz que o carvalho foi escolhido como um novo símbolo para D. Pedro I e para o novo país recém-independente, substituindo os louros e laços portugueses utilizados por D. João VI. Como observado, o carvalho também era utilizado pela casa austríaca, por isso acredita-se que um dos primeiros motivos para este uso, tenha sido o casamento de D. Pedro I com Maria Leopoldina da Áustria. No entanto, é apenas D. Pedro II, de fato nascido em terras tropicais, que utiliza este símbolo de forma extensiva, em todos os seus trajes oficiais que até agora puderam ser mapeados. Percebe-se um uso *brasileiro* para este símbolo, apoiado no mais tradicional carvalho europeu, condizente com o processo de formação e independência do país, através de uma mesma linhagem monárquica, marcada por mais continuidades do que rompimentos.

Conclusão

Após estas pesquisas iniciais, observou-se que a cultura material como abordagem analítica, é capaz de abrir horizontes pouco navegados por métodos convencionais de análise. A utilização do próprio objeto como fonte primária e central, nos leva a caminhos e pesquisas em fontes diversificadas, pois inicialmente o objeto “desperta” uma questão ao pesquisador, que posteriormente, lançará mão de diferentes meios, para encontrar respostas.

Esta veste de quase duzentos anos, nos suscita questões relevantes, de conservação e restauração têxtil, sobretudo no Brasil, e também questões patrimoniais. Neste breve artigo, nota-se também, o trânsito de linguagens através das influências observadas no traje, que revelam ligações entre casas reais e demonstra, como a história da moda é fundamental para a compreensão da roupa enquanto materialização de ideias circulantes de um período histórico.

Referências bibliográficas

“A odysseia dos fardões. Dos guarda-roupas imperiais às arcas do belchior! E do bazar ao Museu de Juiz de Fora”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 16 jun. 1926. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

BOUCHER, François. História do Vestuário no Ocidente-das origens aos nossos dias. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 23 Ed. São Paulo: José Olympio, 2009.

LAVIER, James. A roupa e a moda. Uma história concisa. 1 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LAVEISSIÈRE, Sylvain. Le Sacre de Napoléon – peint par David. Paris: Musée du Louvre, 2004.

LEVENTON, Melissa [org]. História ilustrada do vestuário. São Paulo: PubliFolha, 2009.

NUNES, Claudia. A Restauração do Traje da Coroação do Imperador D. Pedro II: Uma Intervenção com Adesivo Beva 371, 1998, disponível em: <http://www.abracor.com.br/novosite/congresso/Anais%20do%20IX%20Congresso.pdf>

O MUSEU MARIANO PROCÓPIO. CATÁLOGO BANCO SAFRA, São Paulo, 2006.

PAULA, Teresa Cristina Toledo [org]. Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções. São Paulo: Museu Paulista, 2006.

PAULA, Teresa Cristina Toledo. Tecidos no museu: argumentos para uma história das práticas curatoriais no Brasil. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.14. n.2. p. 253-298. jul.- dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v14n2/a08v14n2.pdf>

PINTO, Rogério. Alfredo Ferreira Lage, suas coleções e a constituição do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora, MG. 2008. 362 f. Dissertação de mestrado em História, pela UFJF. 2008.

RAMIREZ, Ezequiel S. As relações entre a Áustria e o Brasil (1815-1889). SP: Companhia Editorial Nacional, 1968.

RODRIGUES, J. W. Fardas do Reino Unido e do Império. Anuário do Museu Imperial de Petrópolis, 1950.

TAYLOR, Lou. The study of dress history. Manchester and New York: Manchester University Press, 2002.

Sites consultados

<http://www.khm.at/>

<http://www.pjf.mg.gov.br/mapro/museu/historico.php>

http://www2.uol.com.br/modabrasil/rio_link/rest_texteis/index.htm